

CHRIS CARTER

Autor bestseller internacional

O Predador da Noite

«Não dá para parar de ler.»

Express



TOP
SEL
LER

*Dedico este romance à minha família e à Coral Chambers,
por estarem sempre presentes nos momentos
em que mais precisei de alguém.*

UM

O DOUTOR JONATHAN WINSTON ajustou a máscara cirúrgica à boca e ao nariz, olhando para o relógio na parede da sala de autópsias número quatro, na cave do departamento de medicina legal do condado de Los Angeles. Eram seis horas e doze minutos da tarde.

O corpo, que se encontrava na mesa de aço inoxidável a pouca distância dele, era o de uma mulher desconhecida de raça caucasiana, com cerca de 30 anos ou pouco mais. O cabelo dela, negro e cortado pela altura do ombro, estava húmido, e as pontas agarravam-se à mesa metálica. Sob o clarão da lâmpada cirúrgica, a pele pálida da mulher adquiria um aspeto elástico, quase inumano. No local onde o corpo fora encontrado não tinha sido possível identificar a causa provável da morte. Não havia sangue, nenhum ferimento originado por uma bala ou objeto cortante, nenhum inchaço ou escoriação na cabeça e tronco, ou hematomas em volta do pescoço que indicassem ter sido estrangulada. O corpo não apresentava traumatismos, salvo o facto de a boca e a vagina terem sido cosidas por quem quer que a tinha matado. A linha utilizada era grossa e forte, e os pontos desalinhadados e irregulares.

— Estamos prontos? — perguntou o doutor Winston a Sean Hannay, o jovem assistente forense presente na sala.

Os olhos de Hannay estavam pregados ao rosto da mulher e aos seus lábios selados. Por uma razão qualquer, ele sentia-se mais nervoso do que era costume.

— Sean, está tudo bem?

— Hã, sim, doutor, peço desculpa. — Por fim, os olhos de Hannay encontraram-se com os do doutor Winston, e ele anuiu com a cabeça.

— Está tudo pronto. — O assistente posicionou-se à direita da mesa,

enquanto o médico ligava o gravador digital sobre a bancada que ficava mais próxima.

O doutor Winston enunciou o dia e a hora, o nome dos presentes e o número de registo da autópsia. O corpo já tinha sido medido e pesado, pelo que ele passou à descrição das características físicas da mulher. Antes de efetuar alguma incisão, procedeu a uma observação meticulosa do corpo, procurando marcas que ajudassem à identificação da vítima. Ao examinar os pontos aplicados na parte inferior do corpo, ele deteve-se, com os olhos semicerrados.

— Espera um momento — murmurou, aproximando-se mais e afastando cuidadosamente as pernas da vítima uma da outra. — Sean, passa-me a lanterna, por favor. — O médico estendeu a mão para o assistente forense, sem desviar os olhos da vítima. A apreensão instalara-se no seu olhar fixo.

— Há algum problema? — inquiriu Hannay, passando ao doutor Winston uma pequena lanterna metálica.

— Talvez. — Ele dirigiu o feixe luminoso para algo que tinha despertado a sua atenção.

Hannah mudou o peso do corpo de um pé para o outro.

— Os pontos não correspondem a uma sutura cirúrgica — indicou o doutor Winston, falando para o gravador. — São amadores e imperfeitos. Como um remendo aplicado por um adolescente numas calças de ganga velhas. — O médico aproximou-se ainda mais. — Por outro lado, os pontos são muito espaçados, demasiado afastados entre si e... — ele parou de falar, inclinando a cabeça — ... não pode ser.

Hannah sentiu um tremor no seu corpo.

— O quê? — perguntou ele, aproximando-se mais.

O doutor Winston respirou fundo e o seu olhar dirigiu-se lentamente para Hannay.

— Acho que o assassino deixou alguma coisa dentro dela.

— Como?

O médico concentrou-se mais uns segundos no feixe de luz da lanterna até ter a certeza.

— A luz está a ser refletida a partir de qualquer coisa dentro dela.

O assistente inclinou-se, seguindo o olhar do médico. Precisou de um segundo apenas para o descobrir.

— Caramba, a luz *está* a refletir-se de uma coisa qualquer. O que é?

— Desconheço, mas seja o que for é bastante grande para se conseguir ver entre os pontos.

O médico endireitou-se e retirou um ponteiro metálico de uma bandeja de instrumentos.

— Sean, segura na lanterna... Nesta posição. — Ele entregou a lanterna ao jovem assistente e mostrou-lhe exatamente como queria que ele orientasse o feixe de luz.

Winston curvou-se e introduziu a ponta do ponteiro de metal entre dois pontos, guiando-a no sentido do objeto no interior da vítima.

Hannay mantinha a lanterna imóvel.

— É algo metálico — anunciou Winston, utilizando o ponteiro como uma sonda —, mas ainda não posso dizer ao certo o que poderá ser. Passas-me a tesoura para tirar os pontos e o fórceps, por favor?

Winston não demorou muito tempo a remover os pontos. Depois de os cortar um a um, extraiu a linha preta e grossa da pele da vítima com a ajuda do fórceps, colocando-a num pequeno recipiente plástico para recolha de provas.

— Ela foi violada? — perguntou Hannay.

— Existem cortes e contusões nas virilhas que são compatíveis com uma penetração forçada — confirmou o doutor Winston —, mas eles podem ter sido provocados pelo objeto que inseriram nela. Vou fazer alguns esfregaços e enviá-los para o laboratório a par das amostras da linha. — O médico colocou a tesoura e o fórceps na bandeja de instrumentos utilizada. — Vamos descobrir o que o assassino nos deixou, está bem?

Hannay ficou tenso, enquanto o doutor Winston introduzia a mão direita no interior da vítima.

— Sim, eu tinha razão. Não é um objeto pequeno.

Seguiram-se uns breves segundos de silêncio desconfortável.

— E também tem um formato invulgar — assinalou o médico. — Mais ou menos quadrangular, com qualquer coisa esquisita presa no cimo. — Por fim, ele conseguiu pegar no objeto. Ao retirá-lo, algo acoplado no topo clicou.

Hannay deu um passo em frente para obter uma perspetiva melhor.

— Metal, relativamente pesado e aparentemente artesanal... — enunciou o doutor Winston, fitando o objeto na sua mão. — Mas continuo sem ter a certeza do que... — O médico parou de falar e sentiu o coração a martelar dentro do peito, enquanto a sua constatação o deixava de olhos arregalados. — Oh, meu Deus...

DOIS

O DETETIVE ROBERT HUNTER, da Divisão de Assaltos e Homicídios de Los Angeles, demorou mais de uma hora a percorrer de carro a distância que separava o tribunal de Hollywood do talho abandonado a leste de Los Angeles. Recebera a comunicação através do *pager* quatro horas antes, mas o julgamento em que fora servir de testemunha tinha-se prolongado muito mais do que ele esperava.

Hunter fazia parte de uma elite restrita; uma elite que a maior parte dos detetives do Departamento de Polícia de Los Angeles daria o braço direito para *não* ter de a integrar. A Unidade Especial de Homicídios, da Divisão de Roubos e Homicídios, tinha sido criada para lidar exclusivamente com casos de assassínios em série, alta criminalidade e homicídios que requeriam um tempo de investigação e perícia exaustivos. No seio da Unidade Especial de Homicídios, Hunter tinha uma tarefa ainda mais específica. Devido à sua formação em psicologia do comportamento criminal, eram-lhe atribuídos crimes cujo autor recorrera a uma brutalidade extrema. O departamento rotulava esses casos como UV, *ultraviolentos*.

O talho ficava no extremo de uma fiada de estabelecimentos comerciais desativados, num bairro que parecia estar totalmente votado ao abandono. Hunter estacionou o seu velho *Buick* junto a uma carrinha branca do laboratório criminal. Ao sair do carro, deixou o seu olhar pairar durante algum tempo no exterior dos prédios. Todas as janelas estavam protegidas por fortes portadas de metal. Os grafítis cobriam tão profusamente as paredes exteriores, que ele não conseguiria dizer qual era a sua cor original.

Hunter aproximou-se do agente de guarda à entrada, exibiu rapidamente o seu distintivo e curvou-se para passar por baixo da fita amarela

que delimitava a cena do crime. O agente acenou-lhe, mas manteve-se em silêncio, com o olhar fixo e distante.

Hunter abriu a porta e acedeu ao interior.

O cheiro nauseabundo que o atingiu apanhou-o de surpresa, deixando-o agoniado; um misto de carne em putrefação com o odor rançoso do suor, vômitos e urina, que lhe ardia nas narinas e deixava os olhos congestionados. Deteve-se um momento e puxou o cós da t-shirt para cima, tapando a boca e o nariz com a máscara improvisada.

— Isto resulta melhor — disse Carlos Garcia, saindo da sala dos fundos e estendendo a Hunter uma máscara cirúrgica para o nariz. Ele próprio trazia uma colocada.

Garcia era alto e esguio, com o cabelo escuro ligeiramente comprido e os olhos azul-claros. A destoar do seu aspeto atraente e juvenil, existia apenas um pequeno alto no nariz, no ponto onde este tinha sido partido. Ao contrário dos restantes detetives da Divisão de Assaltos e Homicídios, Garcia tivera de trabalhar arduamente para ser destacado para a Unidade Especial de Homicídios. Era o parceiro de Hunter há quase três anos.

— O cheiro torna-se pior assim que entras na sala dos fundos. — Garcia apontou com a cabeça para a porta por onde acabava de passar. — Com correu o julgamento?

— Devagar — respondeu Hunter, ajustando a máscara ao rosto. — O que temos aqui?

Garcia inclinou a cabeça.

— Um daqueles casos lixados. Vítima do sexo feminino, caucasiana, com mais ou menos 30 anos. Foi encontrada sobre a bancada de aço inoxidável do talho, ali. — Garcia apontou para a sala atrás dele.

— Causa da morte?

— Vamos ter de esperar pela autópsia — respondeu Garcia, abanando a cabeça. — Nada que salte à vista. Mas, agora vem a parte mais chocante. Os lábios e a vagina dela estavam *cosidos*.

— O quê?

Garcia acenou com a cabeça.

— Isso mesmo. Perfeitamente doentio. Nunca tinha visto uma coisa assim.

O olhar de Hunter precipitou-se para a porta por trás do seu parceiro.

— Ela já não se encontra ali — referiu Garcia, antecipando-se à pergunta que Hunter se preparava para fazer. — Foi o doutor Winston

quem chefiou a equipa forense hoje. Ele queria que tu visses o corpo e o cenário conforme estes estavam quando os encontrámos, mas não pôde esperar mais tempo. O calor que se fazia sentir aqui estava a acelerar as coisas.

— Quando é que removeram o corpo? — Hunter olhou instintivamente para o relógio.

— Há duas horas aproximadamente. Por aquilo que conheço do doutor Winston, é provável que ele já esteja a meio da autópsia. Ele sabe que tu detestas ficar a assistir, pelo que não havia motivo para esperar. Na altura em que acabarmos de examinar este local, estou certo de que ele já terá algumas respostas para ti.

O telemóvel de Hunter tocou no interior do seu bolso. O detetive pegou nele, puxando a máscara cirúrgica e deixando-a pender em volta do pescoço.

— Detetive Hunter.

Ele ficou à escuta uns segundos.

— O quê?

Os olhos de Hunter dirigiram-se precipitadamente para Garcia, e este viu a expressão do seu parceiro alterar-se completamente de um momento para o outro.

TRÊS

GARCIA FEZ O PERCURSO entre o leste de Los Angeles e o departamento de medicina legal do condado de Los Angeles, na North Mission Road, em tempo recorde.

Ao aproximarem-se do parque de estacionamento do edifício, a ansiedade de ambos duplicou. Quatro carros da polícia e dois camiões dos bombeiros bloqueavam a entrada. No interior do parque havia mais carros da polícia. Vários agentes fardados deambulavam por ali caoticamente, disparando ordens uns para os outros ou através da rádio.

Os meios de comunicação social tinham-se precipitado para o local como lobos esfaimados. O sítio pululava de cadeias de televisão e jornais locais. Os repórteres, operadores de câmaras e fotógrafos envidavam todos os esforços para se aproximarem o máximo que lhes era permitido. Contudo, já tinha sido instaurado um perímetro apertado em redor do edifício principal, o qual era rigorosamente controlado pela polícia de Los Angeles.

— O que diabo se passa aqui? — murmurou Hunter por entre dentes, no momento em que Garcia parava o carro junto à entrada.

— Vai ter de sair daqui — disse um agente jovem, aproximando-se da janela de Garcia e instigando-o a afastar-se com gestos frenéticos. — O senhor não pode...

O homem interrompeu-se assim que viu o distintivo de Garcia.

— Desculpe detetive; eu desimpeço já a entrada. — Ele virou-se para outros dois agentes parados juntos aos seus veículos. — Rapazes, abram caminho.

Menos de trinta segundos depois, Garcia estacionava o seu *Honda Civic* mesmo em frente à escadaria de acesso ao edifício principal.

Hunter saiu do carro e olhou em volta. Um pequeno grupo de pessoas, de bata branca na sua maioria, concentrava-se no extremo oposto do parque de estacionamento. Hunter identificou-as como técnicos laboratoriais e outro pessoal do departamento de medicina legal.

— O que aconteceu aqui? — inquiriu ele a um bombeiro que acabava de fazer uma comunicação via rádio.

— Vai ter de falar com o chefe de operações para obter mais pormenores. Tudo o que lhe posso dizer que é que deflagrou um incêndio num ponto qualquer ali dentro. — O homem apontou para o antigo hospital onde funcionava agora a morgue.

Hunter franziu o sobrolho.

— Incêndio?

A Divisão de Homicídios Especiais investigava também alguns casos de fogo posto, embora estes raramente se considerassem UV. Hunter nunca chefiara a investigação de nenhum deles.

— Robert!

Hunter voltou-se e viu a doutora Carolyn Hove a descer os degraus, vindo ao encontro dos dois. Habitualmente, ela parecia mais jovem do que os seus 46 anos. Mas não naquele dia. O cabelo dela, cor de avelã e sempre penteado com esmero, estava desalinhado, enquanto a sua expressão era grave e abatida. Se houvesse postos militares no departamento de medicina legal do condado de Los Angeles, a doutora Hove seria o segundo-comandante, logo abaixo do doutor Winston.

— O que se passa aqui, doutora? — perguntou Hunter.

— Um verdadeiro inferno...

QUATRO

HUNTER, GARCIA E A doutora Hove subiram os degraus juntos e entraram no edifício principal pelas grandes portas duplas. Vários outros polícias e bombeiros deambulavam pelo átrio de entrada. Conduzidos pela doutora Hove, os dois detetives passaram ao lado do balcão da recepção e desceram um novo lance de escadas em direção à cave. Embora todos pudessem ouvir os extratores de fumo a trabalhar na sua potência máxima, pairava no ar um odor repugnante a produtos químicos e a carne queimada. Hunter e Garcia estremeeceram e cobriram instintivamente o nariz com a mão.

Garcia sentiu o estômago a embrulhar-se.

Mesmo ao fundo do corredor, uma zona do chão em frente à sala de autópsias número quatro encontrava-se alagada. A porta estava aberta, mas parecia ter sido arrancada das dobradiças.

O comandante dos bombeiros dava instruções a um dos seus homens quando viu o grupo aproximar-se.

— Comandante — disse a doutora Hove —, apresento-lhe os detetives Robert Hunter e Carlos Garcia, da Divisão de Assaltos e Homicídios.

Não houve apertos de mãos. Apenas acenos de cabeça delicados.

— O que aconteceu aqui? — inquiriu Hunter, esticando o pescoço a tentar vislumbrar o interior da sala. — E onde está o doutor Winston?

A doutora Hove não respondeu.

O comandante retirou o capacete e limpou a testa com a mão enluvada.

— Uma espécie de explosão.

Hunter franziu o sobrolho.

— Explosão?

— Exatamente. A sala já foi examinada e não existe qualquer tipo de combustão oculta. Na verdade, o próprio incêndio parece ter sido

mínimo. Os extintores automáticos apagaram-no ainda antes de chegarmos aqui. Por enquanto, desconhecemos o que terá causado a detonação e teremos de aguardar o relatório da investigação ao incêndio. — Ele fitou a doutora Hove. — Disseram-me que esta é a maior sala de autópsias e que ela funciona também como laboratório. É assim?

— Sim, isso está correto — confirmou ela.

— Existem algumas substâncias químicas voláteis, botijas de gás eventualmente, armazenadas aqui?

A doutora Hove fechou os olhos durante um momento e deixou escapar um suspiro profundo.

— Por vezes.

O comandante dos bombeiros anuiu com um meneio de cabeça.

— Talvez tenha havido uma fuga mas, conforme referi, vamos ter de esperar pelo relatório da investigação. Como a sala fica na cave, as paredes aqui em baixo são mais grossas que as existentes no restante edifício, e isso ajudou a conter o impacto. Embora a detonação fosse bastante poderosa para provocar uma série de danos internos, não teve a força suficiente para abalar a estrutura. Para já, não existe muito mais que lhes possa dizer. — O comandante descalçou as luvas e esfregou os olhos. — Ali dentro está uma grande confusão, doutora, de uma forma *muito* funesta. — O homem fez uma pausa, como se estivesse incerto sobre o que dizer a seguir. — Lamento muito, sinceramente. — As palavras dele estavam revestidas de pesar. O homem acenou gravemente com a cabeça ao resto do grupo e dirigiu-se às escadas que davam para o piso superior.

Os três ficaram em silêncio junto à entrada daquela que fora a sala de autópsias número quatro, com o olhar a abarcar aquela destruição. No lado oposto da sala, mesas, bandejas, armários e carrinhos retorcidos e virados de pernas para o ar espalhavam-se por todo o lado, salpicados de destroços e fragmentos de pele e de carne. Parte do teto e a parede do fundo estavam danificadas e cobertas de sangue.

— Quando é que isto aconteceu? — perguntou Garcia.

— Há uma hora, ou talvez há uma hora e um quarto. Eu estava numa reunião no segundo piso. Ouviu-se um estrondo abafado e os alarmes de incêndio começaram a tocar freneticamente.

O que deixava Hunter apreensivo era a quantidade de sangue diluído na água, a par das inúmeras coberturas impermeáveis pretas que se viam em toda a sala, tapando corpos ou partes de corpos. As câmaras

frigoríficas para armazenagem dos corpos ficavam na parede oposta à zona da explosão. Nenhuma delas parecia afetada.

— Quantos corpos estavam fora das câmaras frigoríficas, doutora? — perguntou ele com relutância.

A doutora Hove sabia que Hunter já tinha compreendido tudo. Ela ergueu a mão direita, exibindo apenas o dedo indicador.

Hunter deixou sair um suspiro de tensão.

— Estava a decorrer uma autópsia. — Esta era mais uma constatação do que uma pergunta. Ele sentiu um calafrio a percorrer-lhe a coluna. — Era uma autópsia do doutor Winston?

— Merda! — Garcia passou a mão pelo rosto. — Não pode ser.

A doutora Hove virou a cara, mas não foi suficientemente rápida para ocultar as lágrimas que lhe afloravam aos olhos.

Hunter fixou o olhar nela durante uns segundos, antes de o virar para o que restava da sala. A garganta secou-lhe, enquanto o seu coração se envolvia numa tristeza sufocante. Já conhecia o doutor Jonathan Winston há mais de 15 anos. Ele era o médico legista-chefe desde que Hunter se lembrava. Tratava-se de um fanático do trabalho e brilhante naquilo que fazia. Dava sempre o seu melhor na execução de muitas autópsias a vítimas de homicídio, cujas circunstâncias da morte eram consideradas invulgares. Mas, acima de tudo, para Hunter, o doutor Winston era como um membro da família. O melhor dos amigos. Alguém com quem ele tinha contado inúmeras vezes. Alguém que ele respeitava e admirava como a poucos. Alguém de quem iria sentir verdadeiramente a falta.

— Estavam aqui duas pessoas. — A voz da médica vacilou momentaneamente. — O doutor Winston e Sean Hannay, um assistente forense com 21 anos.

Hunter fechou os olhos. Não havia nada que ele pudesse dizer.

— Telefonei assim que soube disto — acrescentou a doutora Hove.

A expressão de Garcia era de perfeito choque. Ao longo da sua carreira, ele já tinha visto muitos cadáveres, alguns deles grotescamente desfigurados por um assassino sádico. Mas nunca tinha conhecido pessoalmente nenhuma das vítimas. E, apesar de o seu conhecimento do doutor Winston datar de há três anos somente, os dois não tinham demorado a estabelecer uma amizade.

— E em relação ao miúdo? — perguntou Hunter, finalmente. E, pela primeira vez, Garcia sentiu a voz do seu parceiro a tremer.

A doutora Hove abanou a cabeça.

— Sinto muito. O Sean Hannay ia finalizar o seu terceiro ano de patologia na Universidade da Califórnia em Los Angeles. Ele ambicionava vir a ser um cientista forense. Fui eu que aprovei o estágio dele apenas há seis meses. — Um brilho surgiu no seu olhar. — Nem se esperava que ele estivesse nesta sala. O Sean estava apenas a dar uma ajuda. — A médica fez uma pausa, refletindo profundamente sobre o que ia dizer a seguir. — Fui eu quem lhe pedi que o fizesse. Era eu quem devia estar a dar assistência ao Jonathan.

Hunter reparou que as mãos dela tremiam.

— Tratava-se de uma morte em circunstâncias especiais — prosseguiu ela. — O Jonathan pedia-me sempre que o ajudasse nesses casos. E isso teria acontecido se eu não tivesse ficado retida numa reunião e pedido ao Sean o favor de me substituir. — Os olhos dela encheram-se de horror. — Não era ele quem deveria ter morrido aqui hoje, mas sim, eu.

CINCO

HUNTER COMPREENDEU AQUILO QUE a doutora Hove estava a sentir. Numa reação imediata à explosão, o instinto de sobrevivência tinha vindo ao de cima e ela ficara aliviada. Tinha escapado por sorte. No entanto, nesse momento, a razão e o sentimento de culpa instalavam-se, e a mente dela punia-a da pior forma possível. *Se a minha reunião não se tivesse atrasado, o Sean Hannay ainda estaria vivo.*

— Nada do que aconteceu é da sua responsabilidade, doutora. — Hunter tentava tranquilizá-la, mas ele sabia que as palavras não iam surtir muito efeito. Antes de se chegar a alguma conclusão, todos necessitavam de compreender o que tinha ocorrido na sala.

Hunter deu um passo em direção à entrada da sala de autópsias, enquanto a sua mente tentava processar o cenário que ele tinha pela frente. Nesse preciso momento, nada fazia sentido. De súbito, algo chamou a sua atenção e ele semicerrou os olhos, virando-se imediatamente para a doutora Hove.

— As autópsias costumam ser gravadas em vídeo? — inquiriu ele, apontando para qualquer coisa no chão que fazia lembrar uma das pernas de um tripé de uma câmara.

A doutora Hove abanou a cabeça.

— É muito raro, e os pedidos têm de ser aprovados por mim ou... — os olhos dela desviaram-se de Hunter, focando-se no interior da sala — ... pelo médico-legista-chefe.

— O próprio doutor Winston.

A doutora acenou hesitantemente com a cabeça uma única vez.

— Parece-lhe que ele terá optado por gravar esta autópsia?

A doutora Hove ponderou a questão por momentos e o seu rosto iluminou-se de esperança.

— Existe uma hipótese, caso ele considerasse o caso suficientemente intrigante.

— Bom, mas mesmo que ele o fizesse — interveio Garcia —, como é que isso ia ajudar-nos? De certeza que a câmara ficou desfeita à semelhança da maior parte da sala. Olhem só para ali.

— Não necessariamente — contrapôs a médica, pausadamente.

O olhar dos dois virou-se de novo para ela.

— Está a par de algo que desconhecemos? — perguntou Hunter.

— Por vezes, a sala de autópsias número quatro é utilizada como sala de aulas — explicou a médica. — É a única sala onde se processam exames médicos equipada com uma conexão para câmara de vídeo com ligação direta ao nosso servidor principal. Isso significa que as imagens são armazenadas em simultâneo no disco rígido do nosso servidor. Para efetuar a gravação de uma aula ou de um exame, o médico-legista apenas precisa de configurar a câmara digital, ligá-la à rede e tudo fica a postos.

— Conseguimos descobrir se o doutor Winston fez isso?

— Venham comigo.

A doutora Hove dirigiu-se com ar determinado para as escadas que eles tinham descido, regressando logo de seguida ao piso de entrada.

Os três atravessaram a área de receção, transpando umas portas duplas metálicas a seguir, para acederem a um corredor comprido e deserto. Quando já tinham percorrido três quartos da sua extensão, viraram à direita. Ao fundo de um corredor lateral havia uma porta simples em madeira com uma janela em vidro fosco. Era o gabinete da doutora Hove. Ela abriu a porta, convidando-os a entrar.

A médica dirigiu-se imediatamente à sua secretária e ligou o computador. Os dois detetives colocaram-se atrás dela.

— Apenas a minha conta e a do doutor Winston dispõem de privilégios de administrador para acesso ao diretório de vídeos no servidor principal. Vejamos se existe aqui alguma coisa.

Com apenas dois ou três cliques a doutora Hove acedeu ao diretório de vídeos onde estavam armazenadas as gravações. Na pasta principal, existiam três subdiretórios — *Novos*, *Aulas* e *Autópsias*. Ao abrir o diretório intitulado *Novos*, a médica encontrou ali um único ficheiro de vídeo. A data e hora que este indicava mostravam que ele tinha sido criado uma hora antes.

— Bingo. O Jonathan gravou realmente a autópsia. — A doutora Hove parou de falar e lançou um olhar ansioso a Hunter. Ele reparou que ela desviava ligeiramente a mão do rato.

— Não se preocupe, doutora; não precisa de o ver. Nós encarregamo-nos disso.

A doutora Hove hesitou um segundo.

— Eu tenho de ver — declarou ela e fez um duplo clique sobre o ficheiro. O ecrã cintilou, enquanto o computador abria o programa predefinido para a reprodução de vídeo. Hunter e Garcia aproximaram-se um pouco mais.

As imagens não tinham uma grande qualidade, mas via-se nitidamente o corpo de uma mulher de raça caucasiana em cima de uma mesa de autópsias. A imagem tinha sido obtida a partir de um ângulo superior e estava parcialmente ampliada, o que fazia com que a mesa ocupasse a maior parte do ecrã. Do lado direito, duas pessoas com batas de laboratório estavam visíveis apenas da cintura para baixo.

— É possível diminuir o zoom? — pediu Garcia.

— As imagens foram captadas desta forma — referiu Hunter, abandonando a cabeça. — Neste ponto, não é possível controlar a câmara. Trata-se apenas de uma reprodução.

No ecrã, uma das duas pessoas à direita da mesa aproximava-se do corpo e curvava-se para examiná-lo. De súbito, o rosto do doutor Winston apareceu no plano.

— Não existe som? — inquiriu Garcia, vendo os lábios de Winston a moverem-se em silêncio. — Como é que não existe som?

— Os microfones das câmaras que utilizamos para gravar os vídeos dos exames não têm grande qualidade — explicou a médica. — Habitualmente nem os ligamos.

— Pensava que os patologistas costumavam ditar cada passo dos seus exames.

— E é o que fazemos — confirmou ela. — Para isso, servimo-nos de gravadores próprios que levamos connosco para as salas de autópsias. Neste momento, aquele que o Jonathan estaria a utilizar está destruído no meio dos escombros da sala.

— Fantástico...

— *Olhos castanho-claros, pele bem cuidada, os lóbulos das orelhas não aparentam ter sido furados...* — disse Hunter, antes de o vídeo mostrar

o doutor Winston a desviar-se da câmara. — Bolas! Já não consigo ver a boca dele!

— Consegue ler os lábios? — A questão provinha da doutora Hove, embora o seu ar de surpresa também estivesse reproduzido na cara de Garcia.

Hunter não respondeu. A atenção dele estava focada no ecrã.

— Onde diabo foste tu aprender isso? — perguntou Garcia.

— Livros — respondeu Hunter a mentir. Nesse momento, a última coisa que ele desejava era falar do seu passado.

Continuaram a seguir as imagens em silêncio, durante mais uns segundos.

— O Jonathan está a fazer um exame normal ao exterior do corpo — referiu a doutora Hove. — Todas as características físicas da vítima são registadas, incluindo as primeiras impressões sobre os ferimentos, se os houver. Ele estaria ainda à procura de alguma marca física que ajudasse a identificar a vítima; desconhecia-se a sua identidade quando ela chegou aqui.

No ecrã, o doutor Winston fez um compasso de espera enquanto uma expressão intrigada surgia no rosto dele. Os três viram o assistente a passar-lhe uma pequena lanterna. O médico curvou-se e fez incidir a luz sobre a costura aplicada na parte inferior do corpo, movendo a luz para cima e para baixo, e de um lado para o outro. Algo parecia deixá-lo perplexo.

— O que está ele a fazer? — Garcia inclinou automaticamente a cabeça para o lado, a tentar captar uma perspetiva melhor.

O vídeo prosseguia, mostrando o doutor Winston a utilizar um ponteiro metálico para tatear entre os pontos da costura e penetrar no corpo da vítima. Quando os lábios dele se moveram, Garcia e a doutora Hove olharam para Hunter.

— *É algo metálico* — traduziu Hunter —, *mas ainda não posso dizer ao certo o que poderá ser. Passas-me a tesoura para tirar os pontos e o fórceps, por favor?*

— Havia alguma coisa dentro do corpo dela? — questionou a doutora Hove, espantada.

No ecrã, o doutor Winston voltava a afastar-se da câmara, pegando numa tesoura para remover os pontos. Hunter verificou que eles eram cinco no total. O médico introduziu a mão direita no interior da vítima.

Momentos depois, o doutor Winston conseguia retirar qualquer coisa, e a câmara captava apenas o reflexo fugaz de uma das arestas do objeto quando o médico se virou.

— O que era aquilo? — proferiu Garcia. — O que estava dentro da vítima? Algum dos dois percebeu?

— Não tenho a certeza— retorquiu Hunter. — Mas vamos aguardar. Pode ser que ele se volte de novo para a câmara.

Contudo, isso não chegou a acontecer.

Passados segundos, houve uma explosão e a imagem desapareceu para dar lugar à estática. As palavras — *Sala 4. Perda de sinal* — piscaram a meio do ecrã.

SEIS

UM SILÊNCIO ABSOLUTO INUNDOU a sala durante uns segundos. A doutora Hove foi a primeira a falar.

— Uma bomba? Alguém pôs uma bomba no interior da vítima de um homicídio? Que diabo é isto?!

Ninguém lhe respondeu. Hunter assumira o controlo do computador e estava já a clicar no rato para fazer recuar o vídeo. Ao voltar a clicar no botão de reprodução, as imagens mostraram o momento em que o doutor Winston se preparava para retirar a mão do corpo da vítima, trazendo com ele o objeto metálico desconhecido. Todos os olhares convergiram de novo para o ecrã.

— Não consigo distingui-lo verdadeiramente — observou Garcia. — Ele passa à frente da câmara demasiado depressa. Consegues reduzir a velocidade?

— Não interessa o aspeto que ele tem — afirmou a doutora Hove quase de um modo catatónico. — Era uma bomba. Quem diabo coloca uma bomba dentro de uma vítima, e por que razão? — Ela deu um passo atrás e massajou as têmporas. — Um terrorista?

Hunter abanou a cabeça.

— A localização do ataque contradiz por si só a própria essência do terrorismo. O objetivo dos terroristas é causar o máximo de danos, a par do maior número de mortes possível. Lamento ter de lembrar o óbvio, doutora, mas estamos numa morgue e não num centro comercial. E a explosão não teve sequer o poder suficiente para destruir por completo uma sala de dimensões médias.

— Além disso — acrescentou Garcia, sem qualquer ironia na sua voz —, a maior parte dos corpos que existem aqui já estavam mortos.

— Nesse caso, por que razão iria alguém colocar uma bomba dentro de um cadáver? Isso não faz sentido.

Hunter susteve o olhar da doutora Hove.

— Neste momento, não tenho uma resposta para essa questão. — Ele fez uma pausa breve. — Precisamos de nos manter focados em relação a isto. Parto do princípio que mais ninguém viu esta gravação, certo?

A médica confirmou-o com um meneio de cabeça.

— Para já, temos de manter as coisas nessa base — prosseguiu Hunter. — Se se espalhar a notícia de que o assassino deixou uma bomba dentro da vítima, a imprensa vai transformar isto num circo. Vamos passar mais tempo a dar entrevistas inúteis e a responder a perguntas estúpidas do que a investigar seja o que for. E não podemos dar-nos ao luxo de perder mais tempo. Apesar das emoções que isto nos provoca, aquilo com que estamos a lidar é alguém suficientemente louco para matar uma mulher jovem, colocar um engenho explosivo no corpo dela e fechar a abertura com linha e agulha. Em resultado disso, essa pessoa tirou igualmente a vida a outros dois inocentes.

Novas lágrimas começaram a formar-se nos olhos da doutora Hove. No entanto, ao longo dos anos, ela tinha trabalhado com Hunter em muitos casos e não existia ninguém no quadro das forças da autoridade em quem confiasse mais. A médica anuiu lentamente com a cabeça e, pela primeira vez, Hunter viu ódio no seu rosto.

— Prometa-me apenas que vai apanhar esse filho da puta.

Antes de deixarem o departamento de medicina legal, Hunter e Garcia passaram pelo laboratório forense para obterem os dados já coligidos pelos técnicos. A maior parte dos exames laboratoriais ia demorar dois dias, pelo menos. Uma vez que Hunter não chegara a ter oportunidade de observar o corpo conforme ele fora encontrado no local do crime, os relatórios, notas e fotografias eram tudo aquilo em que ele podia basear-se de momento.

Aquilo que Hunter já sabia era que o corpo fora descoberto oito horas antes na sala dos fundos do talho desativado a leste de Los Angeles. A polícia tinha sido informada através de um telefonema anónimo. Mais tarde, ele iria obter uma cópia da gravação.

Enquanto faziam o caminho de regresso à zona a leste de Los Angeles, Hunter folheou pausadamente as informações coligidas no

dossiê forense. As fotografias obtidas no local do crime revelavam que a vítima tinha sido deixada nua, e deitada de costas, sobre uma bancada de metal imunda. As pernas estavam juntas e esticadas, mas não amarradas. Um dos braços pendia para um dos lados da bancada, enquanto o outro repousava sobre o peito. Os olhos tinham sido deixados abertos, e Hunter já tinha visto aquela expressão muitas vezes no seu passado — o medo absoluto.

Uma das fotografias apresentava um grande plano da boca dela. Os lábios tinham sido cosidos com uma linha preta e forte, de aspeto grosseiro. O sangue passara através dos furos abertos pela agulha, e escorrera para o queixo e pescoço, indicando que ela ainda estava viva quando aquilo tinha sido feito. Outra imagem ampliada revelava que o mesmo tinha acontecido à parte inferior do corpo. As virilhas e a parte interna das coxas estavam igualmente manchadas pelo sangue escorrido dos orifícios da agulha. A área em redor dos pontos parecia inchada, outro sinal de que ela morrerá horas depois de a sujeitarem àquela barbaridade com a agulha e a linha. Na altura da morte, os ferimentos já começavam a infetar. Contudo, não teria sido essa a causa da morte.

Hunter analisou as fotografias tiradas ao local. O talho estava completamente conspurcado. Canos rachados, seringas velhas e preservativos já usados atulhavam o chão, a par de excrementos de ratos. As paredes estavam cobertas de grafítis. Os técnicos forenses tinham encontrado tantas impressões digitais diferentes, que parecia que a sala dos fundos tinha sido o palco de uma festa. A realidade era esta: neste momento, apenas um exame de autópsia poderia lançar alguma luz sobre o caso.

SETE

JÁ TODOS TINHAM PARTIDO quando Garcia levou Hunter até junto do carro deste. A fita delimitadora do local do crime a estabelecer um perímetro mantinha-se em redor do talho. Um único polícia fardado guardava a entrada.

Garcia sabia que Hunter iria demorar o tempo que considerasse necessário, analisando todos os pormenores possíveis no interior do estabelecimento.

— Vou regressar e ver o que é possível fazer com as fotografias do local do crime e a Base de Dados das Pessoas Desaparecidas. Tal como disseste, a nossa prioridade é descobrir a identidade dela.

Hunter assentiu com a cabeça e saiu do carro.

Na altura em que ele exibiu o distintivo ao agente e entrou na loja, pela segunda vez naquela noite, o cheiro pestilento parecia ter-se intensificado drasticamente.

Quando a porta se fechou nas suas costas, Hunter ficou rodeado por uma escuridão absoluta. Acendeu a lanterna e sentiu uma descarga de adrenalina a percorrer-lhe o corpo. Cada passo que dava era acompanhado pelo som de vidros a esmagarem-se ou um chapinhar sobre algo viscoso debaixo dos pés. Passou ao lado do antigo balcão do talho e aproximou-se da porta das traseiras. Quando estava mais perto, chegou-lhe aos ouvidos o zumbido das moscas.

Esta nova sala era espaçosa e servia de ligação entre a frente da loja e a pequena câmara frigorífica nas traseiras. Hunter deteve-se junto à porta, tentando resistir àquele fedor pútrido. O estômago implorava-lhe que saísse dali, ameaçando entrar em erupção diversas vezes. A máscara cirúrgica não surtia lá muito efeito.

Ele deixou o feixe de luz da lanterna percorrer lentamente a sala em volta. Duas tinas metálicas de tamanho gigante encontravam-se

encostadas à parede oposta. À direita destas, havia um armário vazio que ia do chão ao teto. As ratazanas deambulavam à vontade nas prateleiras.

Hunter fez um esgar.

— Tinha de haver ratos — praguejou ele por entre dentes. Odiava ratos.

No mesmo momento, a mente transportou-o de novo para o tempo em que ele tinha oito anos de idade.

Quando ele regressava da escola, dois miúdos mais velhos tinham-se metido à sua frente, arrebatando-lhe a lancheira *Batman*. Esta tinha sido uma prenda de anos da mãe há um ano, poucos meses antes do cancro a levar para longe dele. Era o seu bem mais precioso.

Depois de martirizarem Hunter durante um bocado, atirando a lancheira de um para o outro, os dois rufias deram-lhe um pontapé, lançando-a para o interior de uma porta de inspeção.

— Vai buscá-la, mouco.

A morte da mãe de Hunter tinha sido devastadora para ele e para o pai, e lidar com os dias que se seguiram revelara-se particularmente difícil. Ao longo de várias semanas, enquanto o estado dela se deteriorava, Hunter sentava-se sozinho no seu quarto a ouvir os gritos desesperados da mãe, vivendo o sofrimento dela como se fosse o seu. Quando, por fim, ela faleceu, Hunter começou a sentir perdas de audição acentuadas. Era a forma psicossomática de o seu corpo anestesiar a dor. Esta surdez temporária tornou Hunter um alvo mais fácil para os rufias. Para evitar ser ainda mais marginalizado, ele aprendera sozinho a ler os lábios. Dois anos depois, com a mesma facilidade com que tinha desaparecido, a audição regressou.

— É melhor ires buscá-la, mouco — repetiu o rufia mais corpulento.

Hunter nem sequer hesitou, descendo as escadas de ferro a correr, como se a sua vida dependesse disso. Os rufias estavam exatamente à espera que ele fizesse aquilo. Os dois voltaram a colocar a tampa sobre a porta de inspeção e afastaram-se a rir.

Hunter encontrou a lancheira no fundo e subiu as escadas para sair dali, mas por muito que se esforçasse não tinha forças para desviar a tampa para o lado. Em lugar de ficar em pânico, ele voltou a descer para a rede de esgotos. Se não conseguia sair por onde tinha entrado, teria apenas de encontrar outra saída.

No meio da penumbra e apertando com força a lancheira contra o peito, ele começou a descer o túnel. Quando já tinha avançado uns

50 metros, através da água imunda e fétida dos esgotos, sentiu qualquer coisa a soltar-se do teto e a cair-lhe nas costas, ficando pendurada na t-shirt. Hunter lançou-lhe instintivamente o braço, agarrando-a e atirando-a para o mais longe que conseguiu. Ao atingir a água atrás de si, a coisa guinchou e ele percebeu finalmente do que se tratava.

Um rato tão grande como a sua lancheira.

Hunter susteve a respiração e virou-se devagar para ver a parede à sua direita. Esta fervilhava de ratos de todas as formas e tamanhos.

Ele começou a tremer.

Virou-se cautelosamente e olhou para a parede à esquerda. Ainda mais ratos. E ele podia jurar que os olhos de todos estavam cravados nele.

Hunter não hesitou, limitando-se a correr tão depressa quanto podia, com a água a esguichar à sua frente a cada passo que dava. Cerca de centena e meia de metros depois, ele encontrou uma escada de ferro que o conduziu a uma nova porta de inspeção. Mais uma vez, a tampa recusou-se a mexer. Hunter regressou à passagem e continuou a correr. Mais 200 metros, mais uma porta de inspeção, e Hunter conseguiu finalmente ter alguma sorte. No cimo, a tampa tapava a abertura apenas parcialmente. Com o seu corpo franzino, não lhe foi difícil encolher-se e passar através daquela brecha.

Hunter não largara a lancheira *Batman* que a mãe lhe tinha oferecido. E, desde essa altura, os ratos levavam-no sempre a sentir-se desconfortável.

Já no presente, ele afastou aquela memória e focou novamente a sua atenção na sala dos fundos do talho. A outra peça de mobiliário era a bancada de aço inoxidável onde o corpo desnudado da vítima tinha sido deitado. Esta estava posicionada a quase dois metros da porta aberta da câmara frigorífica na parede do fundo. Hunter observou a bancada à distância durante algum tempo. Havia qualquer coisa estranha ali. Ela estava demasiado alta em relação ao chão. Ao olhar para baixo, ele descobriu que tinham sido colocados tijolos por baixo de cada uma das quatro pernas, elevando a bancada entre 30 a 45 centímetros.

Tal como era visível nas fotografias do local do crime, o chão estava coberto de trapos sujos, preservativos usados e seringas descartadas. Hunter avançou um pouco mais, dando passos pequenos, e observando cuidadosamente o chão a cada passo. A temperatura da sala parecia ser superior em cinco graus à da rua, e ele sentiu um fiozinho de suor a

descer-lhe até ao fundo das costas. Ao aproximar-se da bancada de aço inoxidável, o ruído do zumbido das moscas tornou-se mais audível.

Apesar das moscas, do cheiro nauseabundo e do calor sufocante, Hunter não se apressou. Ele tinha a consciência de que a equipa forense fizera o melhor que pudera, só que os locais do crime podem revelar muito mais coisas do que uma simples prova física. E Hunter tinha uma capacidade especial para as encontrar.

Ele rodeou cuidadosamente a bancada de metal pela quinta vez. A questão principal que estava no seu pensamento era saber se a vítima tinha morrido naquela sala, ou se o talho não passara de um mero local de despejo.

Hunter resolveu ocupar o lugar da vítima.

Saltou para a bancada de metal e deitou-se na mesma posição em que a vítima fora encontrada, apagando a luz da lanterna. Manteve-se completamente imóvel, deixando-se envolver pelos sons, pelo cheiro, pelo calor e pela escuridão da sala. A t-shirt agarrava-se-lhe ao corpo, empapada em suor. Das fotografias, recordou a expressão dos olhos dela, o horror estampado no seu rosto.

Acendeu a lanterna, mas manteve-se na mesma posição. O seu olhar fixou-se num ponto do teto diretamente acima da bancada de metal. A constatação surgiu três segundos depois, e os olhos dele abriram-se desmesuradamente.

— Oh, Deus!

OITO

KATIA KUDROV SAIU DA banheira e enrolou uma toalha branca e felpuda em volta do seu cabelo preto que lhe dava pelos ombros. Velas aromáticas iluminavam a casa de banho requintada num apartamento de topo de um edifício de luxo em West Hollywood. As velas ajudavam-na a descontrair. E, nessa noite, tudo o que ela mais desejava era relaxar.

Katia terminara recentemente a sua primeira digressão em território americano como concertino principal da Los Angeles Philharmonic. Sessenta e cinco concertos num número igual de cidades, ao longo de 70 dias. A digressão fora pautada por um sucesso estrondoso, mas aquela agenda exigente deixara-a esgotada. Ela ansiava por uma pausa bem merecida.

A música marcara presença na vida de Katia desde tenra idade, quando ela tinha apenas quatro anos. Katia lembrava-se nitidamente de estar sentada ao colo do avô, enquanto este a embalava ao som do *Concerto para violino em Ré maior*, de Tchaikovsky, para a fazer adormecer. Contudo, em vez de dormir, ela ficara fascinada pelos sons que escutava. No dia seguinte, o avô deu-lhe o seu primeiro violino. Mas Katia não tinha um talento inato, muito pelo contrário. Ao longo de anos, os seus pais tiveram de suportar os sons atroztes e ensurdecadores dos seus longos exercícios práticos. Não obstante, ela era empenhada, determinada e trabalhadora, e com o tempo começou a tocar música que fazia os anjos sorrir. Depois de uma longa temporada na Europa, Katia regressara a Los Angeles há 13 meses, quando lhe fora proposto o lugar de concertino principal na Los Angeles Philharmonic.

Katia saiu da casa de banho, parou em frente ao espelho de corpo inteiro no quarto, e observou a sua imagem. As feições aproximavam-se da perfeição — grandes olhos castanho-claros, um nariz pequeno, as

mações do rosto elevadas e uns lábios carnudos a emoldurar um sorriso sem mácula. Aos 30 anos, ela conservava ainda o corpo de uma chefe de claque da escola secundária. Analisou o seu perfil, encolhendo o estômago por segundos e concluindo que tinha ganho uma pequena barriguinha. Provavelmente, ela devia-se à comida de plástico consumida nos cocktails a que Katia tivera de comparecer durante a viagem. Ela abanou a cabeça com ar descontente.

— A partir de amanhã, regressas à dieta e ao ginásio — murmurou para si própria, estendendo a mão para o roupão cor-de-rosa.

Na mesinha de cabeceira, o telefone sem fios tocou e Katia fitou-o com ar dúbio. Não havia muitas pessoas que soubessem o seu número de casa.

— Estou — respondeu ela finalmente ao quinto toque, e iria jurar que ouvia um segundo clique na linha, como se alguém tivesse atendido a extensão no escritório, na sala de estar ou na cozinha.

— Como está a minha superestrela preferida?

Katia sorriu.

— Olá, pai.

— Olá, querida. Então, como correu a digressão?

— Fantástica, mas extremamente cansativa.

— Acredito que sim. Eu vi as críticas. Todos te adoraram.

Katia sorriu de novo.

— Estou a desejar ansiosamente duas semanas sem ensaios, concertos e, com toda a certeza, sem festas. — Ela encaminhou-se para fora do quarto, passando para o mezanino virado para a espaçosa sala de estar.

— Mas tens algum tempo para o teu velhote, certo?

— Tenho sempre tempo para ti quando não ando em viagem, pai. A pessoa que está permanentemente ocupada és tu, recordas-te? — replicou ela em ar de provocação.

Ele soltou um riso abafado.

— Está bem, está bem, esquece lá isso. Proponho-te uma coisa. Já vi que estás cansada pela tua voz, por isso, que tal ires para a cama cedo e almoçarmos juntos amanhã?

Katia hesitou.

— Qual é a tua ideia, pai? Um dos teus encontros rápidos do tipo «vamos comprar umas sandes, porque tenho de me ir embora», ou um almoço decente composto por entrada, prato principal e sobremesa, sentados a uma mesa e com os telemóveis desligados?

Leonid Kudrov era um dos produtores cinematográficos mais famosos dos EUA. Por norma, o tempo que ele dispunha para almoçar com alguém nunca ultrapassava os 30 minutos, e Katia sabia bem disso.

Seguiu-se uma pequena pausa, e, desta vez, Katia teve a certeza de ouvir um estalido na linha.

— Pai, ainda estás aí?

— Estou aqui, querida. E escolho a opção dois, se tiveres de acordo.

— Estou a falar a sério, pai. Se vamos ter um almoço em condições, não há telefonemas e tu não vais sair a correr meia hora depois.

— Os telemóveis ficam abolidos, prometo. Vou desmarcar os compromissos para amanhã à tarde. E tu escolhes o restaurante.

Desta vez, Katia sorriu com mais convicção.

— OK. O que achas de nos encontrarmos na Mastro's Steak House, em Beverly Hills, à uma da tarde?

— Excelente escolha — aplaudiu o pai. — Eu faço a reserva.

— E não vais chegar atrasado, está bem, pai?

— Claro que não, minha querida. Tu és a minha superestrela, recordas-te? Olha, tenho de desligar. Estou a receber um telefonema importante.

Katia abanou a cabeça.

— Que surpresa...

— Dorme bem, querida. Até amanhã.

— Até amanhã, pai. — Ela desligou a chamada e colocou o telefone no bolso do roupão.

Depois de descer as escadas para a sala de estar, Katia dirigiu-se à cozinha. Apetecia-lhe um copo de vinho, algo que a descontraísse ainda mais. No frigorífico, decidiu-se por uma garrafa de *Sancerre*. Ao vasculhar uma das gavetas da bancada da cozinha à procura de um saca-rolhas, o telefone no seu bolso tocou novamente.

— Estou?

— Como está a minha superestrela preferida?

Katia franziu o sobrolho.

NOVE

— OH, POR FAVOR, não me digas que já queres alterar o que combinámos, pai... — Katia não se sentia surpreendida.

— Pai?

De súbito, Katia apercebeu-se de que a voz do outro lado da linha não era a do pai.

— Quem fala?

— Não é o teu pai.

— Phillip, és tu?

Phillip Stein era o novo maestro da Los Angeles Philharmonic e o mais recente caso amoroso de Katia. O relacionamento durava há quatro meses, porém, os dois tinham tido uma acesa discussão, três dias antes do final da digressão. Phillip estava perdidamente apaixonado por Katia e queria que ela fosse viver com ele. Katia gostava de Phillip e apreciava aquela relação, mas de maneira alguma com a mesma intensidade que ele, e não estava disposta a assumir esse tipo de compromisso. Por enquanto, não. Ela ventilara a ideia de que seria melhor eles afastarem-se durante algum tempo, só para ver como as coisas corriam. Phillip não tinha levado a sugestão a bem, fazendo uma cena e tendo a pior atuação da sua carreira nessa noite. Desde então, os dois não tinham voltado a falar.

— Phillip? Quem é o Phillip? É o teu namorado? — perguntou a voz. Katia estremeceu.

— Quem fala? — inquiriu ela de novo, e desta vez com mais firmeza. Silêncio.

Uma sensação de desconforto levou os pelos da nuca de Katia a ficarem arrepiados.

— Olhe, eu acho que marcou o número errado.

— Não me parece. — O homem riu-se em surdina. — Nos dois últimos meses, liguei para este número todos os dias.

Katia suspirou de alívio.

— Ah, então, agora é que tenho a certeza que marcou o número errado. Eu estive fora durante algum tempo. Na verdade, acabo de regressar.

Seguiu-se uma pausa.

— Não tem importância, são coisas que acontecem — prosseguiu Katia num tom amável. — Olhe, vou desligar para que possa voltar a marcar.

— Não desligues — disse o homem, calmamente. — Eu não marquei o número errado. Já consultaste as mensagens no atendedor de chamadas, Katia?

No apartamento de Katia, o único telefone que dispunha de atendedor de chamadas era o que se encontrava à ponta da bancada da cozinha. Ela tapou o bocal do telefone com a mão e dirigiu-se para ele apressadamente. Ainda não tinha reparado na luz vermelha a piscar. Sessenta mensagens.

Katia susteve a respiração.

— Quem é o senhor? Como obteve este número?

Outro riso em surdina.

— Eu sou... — ouviu-se um novo clique na linha — ... um admirador, julgo eu.

— Um admirador?

— Um admirador com recursos. A espécie de recursos que torna a informação fácil de obter.

— Informação?

— Sei que és uma artista fantástica. Veneras o teu violino *Lorenzo Guadagnini* mais do que qualquer coisa no mundo. Vives num último andar luxuoso em West Hollywood. És alérgica a amendoins. O teu compositor preferido é Tchaikovsky e adoras conduzir aquele teu *Mustang* descapotável, vermelho flamejante. — O homem fez uma pausa. — E vais almoçar com o teu pai amanhã, à uma hora, na Mastro's Steak House, em Beverly Hills. A cor de que mais gostas é o cor-de-rosa, exatamente a cor do roupão que trazes vestido, e preparavas-te para abrir uma garrafa de vinho branco.

Katia ficou petrificada.

— Então, até que ponto é que eu sou um admirador dedicado, Katia?

O olhar de Katia precipitou-se instintivamente para a janela da cozinha, mas ela sabia que esta era demasiado alta para alguém a poder observar a partir dos prédios vizinhos.

— Oh, eu não estou a espiar-te através da janela — disse o homem num tom desdenhoso.

A luz da cozinha apagou-se e, quando Katia voltou a ouvir a voz, esta não vinha do telefone.

— Eu estou mesmo atrás de ti.

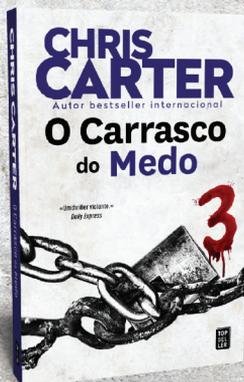
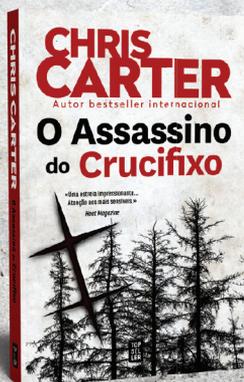
ELE ESPIA. ELE AGUARDA. ELE MATA. NINGUÉM ESTÁ EM SEGURANÇA...

Um corpo não identificado, do sexo feminino, é trazido para a morgue. A causa da morte está longe de ser clara. O corpo não tem outras marcas, exceto o pormenor macabro de a boca e as partes íntimas terem sido costuradas. A autópsia revela, no entanto, outra descoberta chocante: o assassino deixou algo dentro do corpo da vítima! Algo tão aterrador que o detetive Robert Hunter, da Unidade Especial de Homicídios da Polícia de Los Angeles, é de imediato chamado para tomar conta do caso.

A investigação de Hunter acaba por se cruzar com a da sua colega Whitney Meyers, e torna-se claro para ambos que o criminoso é um impiedoso e perfeccionista *serial killer* de mulheres, obcecado com os segredos do passado.

Os romances de Chris Carter são verdadeiramente emocionantes, destacando-se as suas personagens cativantes e a sua capacidade de deixar o leitor inquieto até à última página.

DO MESMO AUTOR:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8855-40-4



9 789898 855404

Ficção/Policial